

Capítulo XI - DE UMA BOA CONVERSA NINGUÉM ESCAPA

O barco estava se aproximando do píer de atracação do restaurante e as primeiras manifestações de protestos, ainda leves, começaram a ser ouvidas no deck superior. Até a banda tinha parado de tocar, enfatizando o clima de apreensão geral. Pude ouvir algumas no sentido de temer que aquele contratempo pudesse inviabilizar à chegada a Copacabana antes do espetáculo da queima de fogos.

A preocupação fazia sentido, pois a depender da complexidade da exigência da Capitania dos Portos que motivou o retorno do barco ao cais, seria despendido muito tempo para equacioná-la. Além disso, dever-se-ia levar em consideração a lenta operação de atracação que estava em curso naquele momento e, mais tarde, a liberação das amarras para seguir viagem, se tudo fosse aprovado pelos representantes da Capitania.

O maitre finalmente apareceu no deck superior quando o Bateau ficou imobilizado no cais. De pé, logo depois da escada, e, portanto, ao lado da nossa mesa, tentou acalmar os passageiros. Em voz bem alta para que todos o ouvissem disse que a Capitania havia abordado o barco e durante a inspeção dos documentos os representantes notaram que uma das licenças exigidas para navegar, não estava de posse do comandante. E não havia condições de logística para que outro barco fosse encontrar o Bateau Mouche no meio da baía para entregar o referido documento. Assim, para cumprir a exigência, o nosso barco foi obrigado a retornar ao cais do restaurante. Concluiu a sua fala, dizendo que o documento já estava a caminho, vindo do escritório da empresa responsável pelo Bateau, e com isso, a nossa viagem seria retomada em alguns minutos.

Sem dar chance para que algum dos presentes se manifestasse a respeito do seu comunicado, o maitre decidiu encerrar a sua espinhosa missão, deu meia volta e desceu a escada, provavelmente em busca de novas informações. Imediatamente após a saída do maitre, um casal também desceu a escada, com o homem aparentando estar com pressa, pois segurava a mão da mulher para garantir que ela, vindo em seguida, não perdesse o passo e ficasse para trás.

Capítulo XI - DE UMA BOA CONVERSA NINGUÉM ESCAPA

Aquela súbita movimentação deixou-me curioso e decidi dar atenção ao casal, embora ao descer a escada as duas pessoas deixavam de estar no meu campo visual. Havia a possibilidade de uma delas ter sido acometida de um repentino mal-estar e ambas decidiram ir ao banheiro no insalubre porão. Mas a possibilidade aparentemente menos provável acabou se concretizando. O casal deixou o Bateau Mouche extemporaneamente e, caminhando pelo píer em direção à porta de saída, sinalizou de maneira concreta que havia decidido abandonar o passeio.

A atitude radical do casal não ensejou outras manifestações no sentido de desistir da ida a Copacabana para ver os fogos. Todos os demais passageiros continuavam a bordo, aguardando o desenrolar dos entendimentos com a Capitania.

Da minha parte, achei pouco convincente a explicação do maitre. Para mim, os tripulantes da lancha da Capitania tinham observado o desequilíbrio do barco no meio da baía e estavam em busca de explicações técnicas para entender o que havia acontecido. Não considerei razoável que uma embarcação muito conhecida como o Bateau Mouche tivesse o seu curso interrompido justamente na noite de Réveillon, sendo obrigado a retornar ao cais para apresentar um documento meramente administrativo.

O casal acabara de passar pela porta de saída quando teve início uma conversa no cais envolvendo dois gerentes responsáveis pelo passeio do Bateau e dois tripulantes que estavam na lancha da Capitania dos Portos. O encontro ocorria na parte do cais próxima à nossa mesa, embora ela estivesse no deck superior. Como a banda havia recomeçado a tocar, numa clara tentativa de reanimar o ambiente, as vozes não chegavam de forma perfeita aos meus ouvidos.

Mesmo assim, deu para interpretar a insatisfação dos gerentes pelo fato do Bateau Mouche ter retornado ao cais, pois tal atitude poderia ocasionar a desistência em massa de passageiros, como fizera o casal pouco tempo antes, causando um prejuízo financeiro enorme aos organizadores, pois todos que abandonassem o barco iriam solicitar a devolução do que pagaram pelo passeio.

Capítulo XI - DE UMA BOA CONVERSA NINGUÉM ESCAPA

Vários papéis foram trocados de mãos durante a conversa e anotações foram feitas de parte a parte. Em dado momento, após um dos participantes da reunião olhar para o barco e provavelmente perceber que, entre os passageiros, havia várias testemunhas muito próximas tentando acompanhar a conversa, os quatro começaram a se afastar do barco e se reagruparam na extremidade oposta do píer onde, inclusive, a iluminação era mais fraca.

Mais alguns minutos de conversa e o grupo se desfez. Os representantes da Capitania se dirigiram ao Bateau e pouco depois, um deles surgiu no topo da escada. Iniciou, então, uma caminhada lenta pelo corredor com a mão direita e o dedo indicador estendidos, como se estivesse fazendo uma contagem das pessoas presentes no deck. Foi até a proa e retornou pelo corredor, da mesma forma, como estivesse realizando uma recontagem. Não levava nenhum papel para anotar o resultado da apuração em andamento. Talvez tivesse experiência suficiente nesse tipo de tarefa para dispensar uma anotação muito relevante, pensei eu, um tanto incrédulo na posição de espectador daquela cena.

Pela atitude dos representantes da Capitania dos Portos, ao realizar uma contagem dos passageiros, ganhou mais credibilidade a hipótese de que eles notaram o desequilíbrio do barco e obrigaram a embarcação a retornar para o cais para checar a lotação máxima permitida nas licenças do barco e em seguida, verificar se o número de participantes da viagem estava respeitando o limite de pessoas a bordo. Ou seja, a informação do maitre justificando o retorno do Bateau ao cais para apresentação de um documento que não estava com o comandante no momento da abordagem da lancha da Capitania, passou a carecer de fundamentos mais concretos.

Durante e depois da operação de contagem, do meu posto de observação, pude constatar que nenhum passageiro desistiu da viagem, tendo registrado somente a saída daquele casal, logo que o barco atracou.

Certo é que agora os quatro personagens que conversaram no cais anteriormente, voltaram a se reunir, um pouco mais distante do barco. Pude notar que o comandante do Bateau permanecia do lado de fora da cabine, aguardando uma deliberação sobre qual procedimento adotar.

Capítulo XI - DE UMA BOA CONVERSA NINGUÉM ESCAPA

Finalmente, depois de mais alguns minutos de conversas regadas a muitos gestos e acenos, um dos organizadores esticou o seu braço em direção ao comandante, com o polegar direito apontado para cima, dando a entender que haviam chegado a um acordo e que a Capitania tinha liberado o Bateau Mouche para seguir viagem. Em ato seguinte, o Comandante entrou em sua cabine e ouvimos o ruído do motor sendo religado.

Enfim, com tudo devidamente checado, rumaríamos para Copacabana. Aos fogos !

